

O Sonho do Fiador entre os Ofídios

Resenha de Delmo Montenegro sobre o Poeta

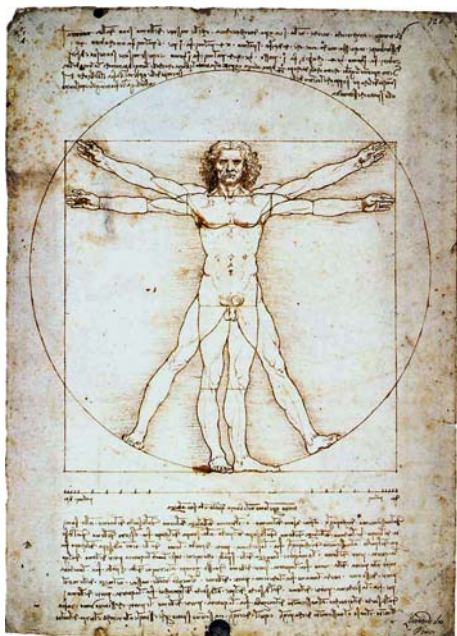
Eduardo Jorge e sua *Espaçaria*



Fecha-se o ciclo. Enfim, Eduardo Jorge, um dos nomes mais conhecidos da nova poesia brasileira, estréia em livro. Seu *Espaçaria* (Lumme, 2007) vem para somar-se a obras como *Primeiro as coisas morrem* (Sete Letras, 2004) de Diego Vinhas, *Visita* (Sete Letras, 2000) e *Distância* (Sete Letras, 2005) de Virna Teixeira e *O legado de Beltrano* (Sete Letras, 2005) de Rodrigo Magalhães, mostrando a força da jovem poesia do Ceará.

De todos os citados, Eduardo Jorge vem com a proposta mais radical, com uma obra que dialoga fortemente com as experiências do Neobarroco na América Latina, com Coral Bracho, José Kozer, Reynaldo Jiménez e Victor Sosa. Sua experiência poética o aproxima também da pernambucana Jussara Salazar (com quem edita a revista eletrônica *La Gioconda 7*), autora do fundamental *Natália* (Travessa dos Editores, 2004). Mais que isso, porém, são os pontos de contato que podemos traçar entre a sua *Espaçaria* e os fios, tecidos e costuras presentes na obra de outro emblemático artista cearense: o artista plástico Leonilson (1957-

1993). Ou entre os temas de Eduardo e do costureiro-mor de nossos famélicos sentidos: o sergipano Arthur Bispo do Rosário (1909-1989).



O *Homo Vitruvianus* de
Leonardo DaVinci



O *Manto da Apresentação* de Arthur Bispo do Rosário

Em *Espaçaria* de Eduardo Jorge, o fio é o princípio de tudo: um princípio movente. Uma escrita sobre a água. O fio é o fio de cabelo, que remete a *koureia*, o antigo salão de beleza dos gregos. Ora o fio é a serpente, o *ouroboros*, o princípio alquímico do Eterno Retorno, ora o fio das *moírai*, senhoras do Destino, das donas da Tesoura. Neste salão cósmico-alquímico, a cabeça da Medusa, a antiga máscara *gorgó*, ressurgue como o deus solar azteca Tonatiuh, *el señor del brillo*, o decapitado. *El-lissan* (a Língua) evoca as estátuas de sal de Loth (*El-lissan* é a designação atual de uma localidade do Mar Morto próxima aos sítios bíblicos de Sodoma e Gomorra). Todos os fios se entrelaçam no grande sonho do fiador: fios, ofícios, ofídios, orifícios. Todos os deslocamentos metonímicos, todos os palíndromos, todos os chistes, todos os lapsos lingüísticos. Nada lhe escapa do pesadelo borgeano: dos fios de cobre (número atômico 29) dos postes – costura que cobre a cidade – à constelação *serpens* (serpente), que aparece no céu cortada ao meio pela constelação *ophiuchus* (serpentário), representação do deus grego *Asklepios* (cujo nome deriva de um verbo que significa exatamente “cortar”).

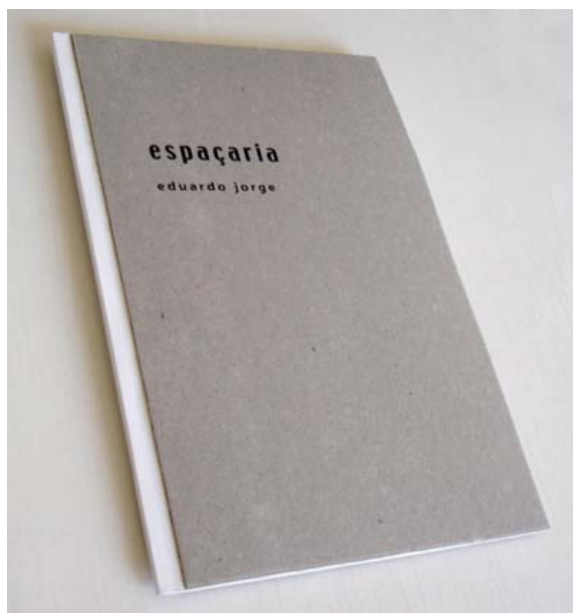


Todos os cortes, fios de cabelo, escamas, peles, unhas, fios da cidade, se reorganizando topologicamente, através de anamorfoses míticas e imagéticas para compor o *Homo Vitruvianus* desta *Espaçaria*.

Em *Espaçaria* toda esta miuçalha – fios, ofícios, ofídios, orifícios – nada mais são que metamorfoses metonímicas de um claro significante: Ovídio (*Ovidius*). Ovídio ressoa no subsolo de todas estas matrizes estocásticas. A mão do fiador opera o *Mutis Liber* (O Livro das Mutações). O poeta latino é o reverso do espelho da máquina da escrita de Eduardo Jorge. Seus textos tecem-se mutuamente: “a língua, combustão poluente // (estalo de queima: cada uma / das partes: o corpo intocável / dançava ao ritmo do vento) □ brinca com zênite e nadir: / escamas faíscam em pleno movimento cujo fim: queima- / em-si gera um serpenteado vaníssimo: // a língua, combustão poluente // espirala em cortinosa fumaça: (afirma um território próprio, / o fogo: língua e corpo é amarelo derretido ao ar, excita- / lume, o vértice em profanação ao céu do barro seco □□□□estátua crestada e imune (alimentando o fogo), // de todo o corpo, a serpente língua apenas: / sem boca de intermédio □ base de madeira desgastada: / cinza escamoso com uma brasa-olho, // a fumaça delgada denuncia um sono, / um bocejo □ regurgitando cinzas □ na mancha preta, / infertiliza o chão e serpente chamas.” (Serpente Chamas).

Aqui o *ouroboros* injeta veneno sobre a própria tradição e resignifica o episódio de Cadmo e do Dragão do Livro Terceiro das *Metamorfoses*. Como todo bom escritor, Eduardo Jorge fecha o ciclo e reescreve a partir de si todo o passado e futuro do Verbo. Nada do que é humano lhe será mais estranho. Na gênese dessa *Espaçaria*, o fiador enfim desperta.





Delmo Montenegro
Poeta, tradutor e ensaísta.
Autor de *Os Jogadores de Cartas* (2003)
e *Ciao Cadáver* (2005)

Título: *Espaçaria*
Autor: Eduardo Jorge
Editora: Lumme Editorial (SP)
Preço do Exemplar: R\$ 18,00

